

**PEDRA E PELE** | JOÃO GIGANTE



FILMES DO HOMEM - Festival Internacional de Documentário de Melgaço, organizado pela Câmara Municipal de Melgaço e pela Associação AO NORTE, tem como objetivo promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir com os filmes sobre identidade, memória e fronteira e contribuir para um arquivo audiovisual e fotográfico da região.

Em 2018, Parada do Monte, no concelho de Melgaço, foi a freguesia escolhida para o projeto Quem somos os que aqui estamos?, coordenado por Álvaro Domingues e realizado em articulação com o Festival.

Pedra e Pele, de João Gigante, é o resultado de uma das atividades desse projeto, levado a cabo com o apoio da Câmara Municipal de Melgaço e da União de Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão.

A Organização do FILMES DO HOMEM

## **BIOGRAFIA**

**João Gigante**, 1986, natural de Viana do Castelo, é licenciado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes do Porto e realizou o Mestrado em Comunicação Audiovisual (Fotografia) na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto. Mantém o seu percurso entre a prática das artes plásticas, tendo exposto o seu trabalho em diversas exposições no panorama artístico nacional e internacional e a prática de produção e organização de eventos e projectos artísticos e a projecção e organização de projectos de nível social e etnográfico, mantendo a sua característica artística e conceptual. O seu trabalho complementa as diferentes áreas de actuação plástica, como a fotografia, o vídeo, a sonoplastia, a instalação e o desenho. Desenvolve também projectos de cariz musical onde se destaca o projecto PHOLE. É também, fundador e director da Revista PARASITA (com Hugo Soares).

# PEDRA E PELE

JOÃO GIGANTE

2018

Na consciência de uma procura pela narrativa plural, o projecto apresentado baseia-se num conceito de relação directa e imersiva entre as pessoas e o território, o quotidiano: pedra e pele.

Enquanto autor, num primeiro contacto com aquilo que abordo, é necessária uma clareza sobre o que pode ser uma construção imagética. A origem, o dismantelamento de uma realidade, em mutação, em reorganização constante. Parada do Monte é um lugar onde os socalcos se apoderam da forma de estar, onde os caminhos são uma viagem discursiva pelo próprio território. Cada curva ou desnível, criam aquilo que considero um território que nos consome, que deixa em aberto aquilo que pode ser o foco de uma narrativa sequencial, de uma narrativa imagética.

Durante o trabalho de campo, são diversas as perspectivas, as diferentes relações que se criam, deixando por vezes que um gesto tautológico nos remate e cesse o olhar. É então, que na contrariedade de cair num esquema que valha pela simplicidade formal, que nos expandimos para o intrínseco do discurso, na virtude de querer relacionar aquilo que, no seu próprio lugar existe por si só. A pesquisa realizada à priori não acentua nem fica perto da pluralidade de emoções que este território nos dá pelo contacto directo, físico. É importante no fim de todo o processo, perceber que o peso de pisar aquilo que vivemos com o nosso corpo é a fundação, a grelha para uma solução que se desenha por si e para si. O autor torna-se assim um organizador, construtor de relações e impressões.

Assim que o meu olhar cai sobre este território e estas pessoas, começa a acontecer a construção da linha que atravessa a origem do lugar e a forma como este é vivido e construído no seu dia a dia. O trabalho fotográfico é assim uma construção pelo contacto, pelo discurso paralelo entre o olhar e o ser, o ver e o querer.





































































































































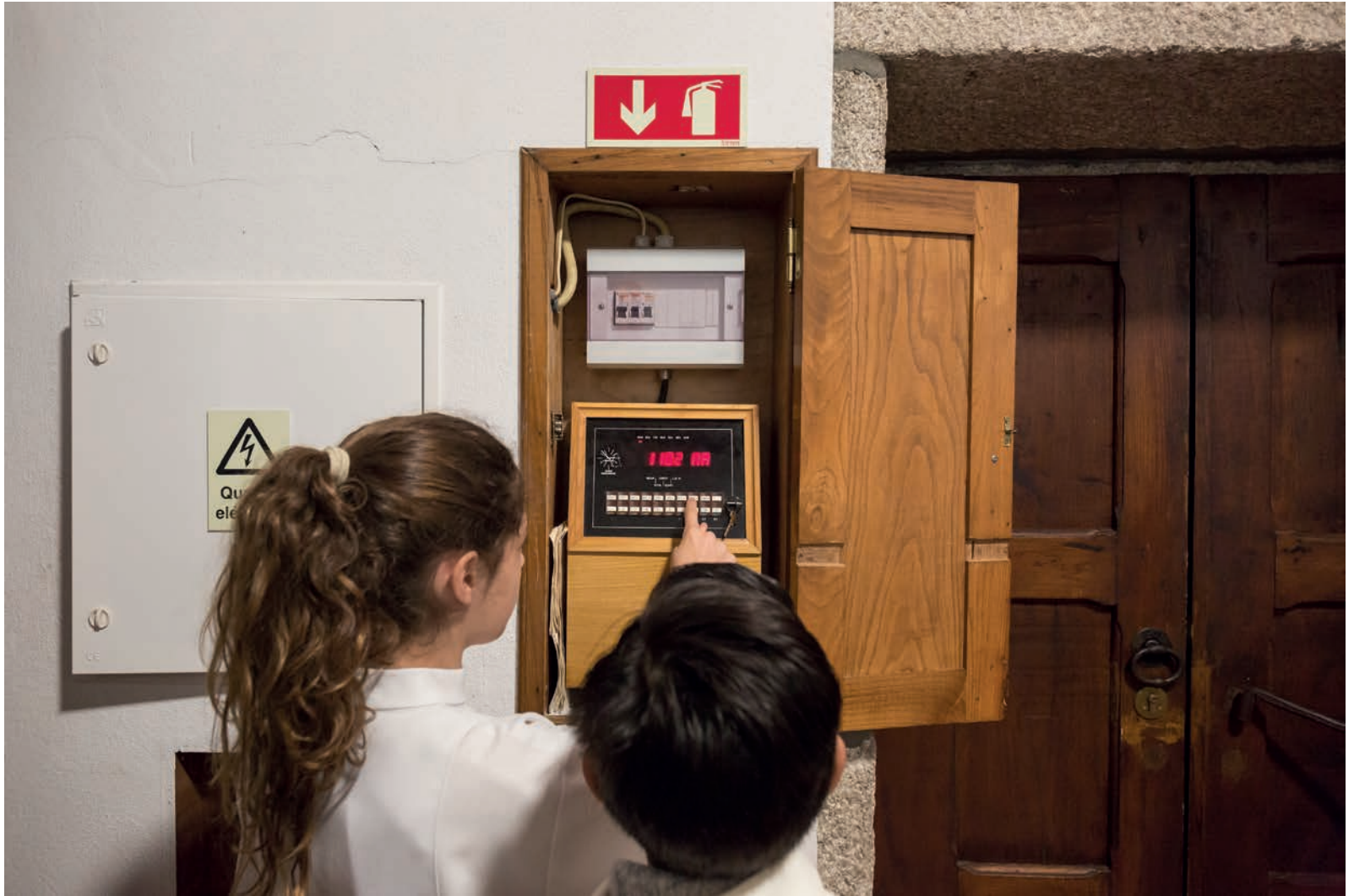








































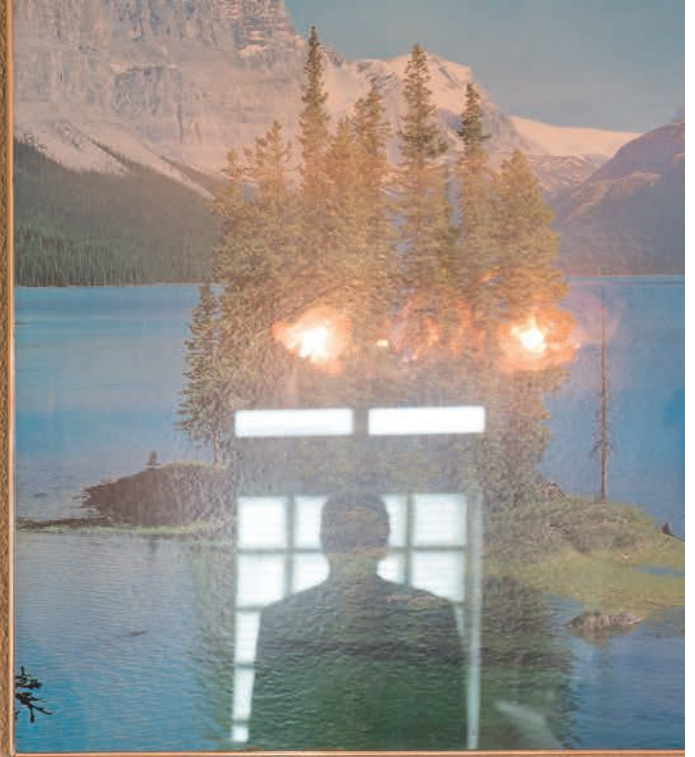










































**PEDRA E PELE** | TEXTOS

# PARADA DO MONTE

## ÁLVARO DOMINGUES

Numa das obras maiores de Miguel de Unamuno, *Niebla* (1914), pode ler-se esta belíssima passagem:

Esta minha vida mansa, rotineira, humilde, é um canto triunfal tecido com as mil pequenas coisas da vida quotidiana. O quotidiano! O pão nosso de cada dia nos dai hoje! Dá-me, Senhor, as mil ninharias de cada dia. Os homens não sucumbem a grandes tristezas ou a grandes alegrias, porque essas tristezas e alegrias vêm ocultas numa imensa neblina de pequenos incidentes, e a vida é isso, a neblina. A vida é uma nebulosa.<sup>1</sup>

Névoas sugerem enigmas por desvendar onde se confundem formas mal definidas, incertezas ou revelações desaparecidas. Quando a neblina poisa sobre o mundo, dissolve-as, transfigura a materialidade das coisas em presença fantasmática. O simulacro ocupa toda a realidade, exacerbando emoções extremas, angústias existenciais ou, simplesmente, amnésias. As certezas perdem a definição que julgávamos possuírem; esquecem-se aquelas explicações simples que em cada manhã usamos para imaginar os dias todos, e esse ofuscamento deixa o espírito liberto para encantarmos o mundo com todos os sortilégios.

Por ser a paisagem uma fonte inesgotável de sensibilidades e modos de representação, multiplicam-se as possibilidades de transfigurar o real, de o desnaturalizar, deslocando-o para outros timbres mais remotos ou incertos.

Mergulhada nas névoas, Parada do Monte perde-se na materialidade dos sonhos, fica disponível para qualquer utopia, para qualquer ficção. Pode até desaparecer, dissipar-se, ir com as neblinas. Contudo, nenhuma realidade se pode dar a ver sem que sobre ela a ficção organize um modo de entender e partilhar esse entendimento, uma teia de sentidos que dê visibilidade e clareza à infinidade de factos que nos é dado ver e que cada um julgará com as experiências ou memórias de que dispõe para decifrar.

Entre-se então no nevoeiro como na primeira alvorada do primeiro dia, os olhos lavados e atentos, o caminhar por forma a nos perdermos por labirintos desconhecidos, surpreendendo o que não tínhamos antes pensado, o direito e o avesso das aparências, as pedras e os corpos, os gestos, os lugares, as casas, os trabalhos e os dias.

Podemos então descobrir alguma coisa, algumas evidências sobre quem somos os que aqui estamos, os que povoam esta paisagem, os que dela se ausentaram (fisicamente, pelo menos), as marcas que todos os dias se apagam e acrescentam, o canto triunfal, como diz o poeta, tecido com as mil pequenas coisas da vida quotidiana.

Nos idos de 1976, um geógrafo francês, Armand Frémont, escreveu um livro, *A Região Espaço Vivido*, inaugurando uma geografia verdadeiramente nova. O conceito de espaço vivido inverteu a situação convencional do olhar do geógrafo em função dos territórios estudados: de objecto de estudo enquanto paisagem com as suas formas reveladores de modos de vida, condições biofísicas, actividades, economia..., o espaço passa a ser apreendido como pertencendo a uma relação mais ou menos complexa, duradoura ou instável, entre indivíduos, grupos sociais e âmbitos geográficos que são percorridos, apropriados, percebidos como coisa útil e prática, dotados de sentidos, habitados por memórias, imaginários, emoções e contradições. Os homens seriam sujeitos activos e não abstracções objectivadas a partir das formas visíveis de ocupação/transformação do território.

Pensava nisto, impressionado com a mesma paisagem que está fixada nas fotos do João Gigante, percorrendo os mesmos caminhos de Parada: a luz, as cores, a montanha que se indefinia com a distância, acentuando contrastes, texturas ou o desenho preciso dos campos, dos muros, dos caminhos... – coisas da imaginação romântica que persiste, deambula e se alimenta de mitologias de paraísos perdidos e lugares incertos.

<sup>1</sup> Traduzido em versão livre de <https://www.getafe.es/wp-content/uploads/Unamuno-Miguel-De-Niebla.pdf>, p.9

O toque do sino ao longe expandiu a contemplação e provocou um comentário de alguém que se aproximava com um rebanho mínimo – Aqui, quando morre alguém, seja na França, seja na Suíça, logo toca o sino para que se saiba. Conhecia essa pessoa?, perguntei. Não, saiu daqui muito nova e eu também, ...para Paris; foram mais de quarenta anos de trabalho, fábrica de automóveis, construção, táxi... de Orly ao Marais acho que passei em todo o lado. A maior parte dos aqui existem, revelam-se pela presença ou memória que deles se regista; não estão, de facto, cá. Houve um tempo longo (que não tem propriamente tempo) em que não era assim. A maioria estavam cá e aqui labutavam por esses valados e montes, ano após ano. Repetiam-se gestos de sol a sol, do silêncio dos invernos ao S. Miguel das colheitas.

Por causa de uma ovelha assustada no meio do asfalto, estacou um jipe que passava, interrompendo a conversa com a barulheira de motor em excesso de decibéis. Não há nada como estas paisagens rurais onde o tempo parou, exclamou uma alma suspirante depois de debitar uns diminutivos piedosos sobre o rebanho em sobressalto. Disse rural? Sim, disse, porquê? Por nada, a realidade e o cenário confundiram-se e contradizem-se no visual da paisagem. Aqui não há rural. O outro fez uma cara como se tivesse ouvido uma obscenidade, uma coisa inapropriada. Skené, a palavra grega para cena, designava uma plataforma elevada separada da orquestra dos teatros onde se desenrolavam comédias e tragédias. Ob skené é o mesmo que obsceno, aquilo que se passava fora da cena e que não se via por ser inapropriado mostrar-se. O grego antigo às vezes dá jeito para perceber aquilo que a cena não revela ou engana. O cenário, já se sabe, não passa de cartão pintado, telas e outros artifícios. Adiante.

Em tempos que de si próprios se esqueceram, houve aqui multidões, gerações de humanos arrancando à encosta tudo o que se pudesse, desde os socacos do fundo do vale, até aos matos das encostas e cumeeiras. Pedras e águas, terra e seiva, trabalho e pão. Por isso se fizeram muros para sustentar a terra dos campos; fabricaram-se carros de estrume para fazer crescer essa terra e fertilizar tudo o que nela se pudesse criar; exploraram-se as águas conduzidas por levadas para as hortas, os milharais ou os prados; rega de lima para combater o frio e a geada no inverno ou seiva para o milho e a secura do verão; caminhos para as bestas do arado e do carro do mato; regos para a água, açudes, poços, moinhos, lavadouros, fontes, bebedouros para os animais. Vidas de escravatura a contar os dias, o sol, a ameaça da trovoada, do granizo

e das enxurradas; as rezas, sempre os deuses e os santos, o natural e o sobrenatural ajuntados para que a colheita não se perdesse, ou o lobo não levasse uma cabra da vezeira, o porco não ficasse doente, o bezerro viesse são, as vacas não se tresmalhassem nos montes, os ovos se abrissem para vidas novas nos dias certos. Tudo, absolutamente tudo, importante, os gravatos do monte, os feixes de caruma, as pinhas, os feijões a secar na eira, o feno guardado, as espigas no canastro, a horta, a urze, o mato e o tojo para a cama do gado, a lenha, as batatas na terra, os castanheiros, as réstias das cebolas. Tudo necessário, tudo sabiamente administrado, a escassez gerida até ao ínfimo, até à partilha da partilha, à guarda preciosa de uma quantidade inesperada da generosidade de um ano; para uma falta, dizia-se, para vender na feira, comprar um pipó de vinho, pagar o dízimo, um remédio para uma doença, quem sabe.

O azeite ácido para alumiar ao Senhor, o ramo da oliveira benzido para esconjurar invejas e trovões. Uma giesta em flor nas portas e nas janelas para enganar o maligno na noite do primeiro de Maio. Uma espiga para as encomendações das almas do purgatório; cinzas do lume para a sementeira da horta, esterco dos coelhos e das galinhas para as couves de todo o ano, as da ceia de Natal ou da lavadura da criação. Nos remansos dos ribeiros, nos pegos fundos, talvez umas trutas, um luxo para desfastiar. Ramos de loureiro para o fumeiro, cepos e raízes da carqueja para um lume forte, caruma ou maçarocas para acender fogueiras, lavouras de incêndios no inverno para reverdecer os pastos. Apanhar bolota, fazer carvão, ir à lenha e às pinhas, procurar amoras se as houver pelo fim do Agosto. Cortar o ramo maior do castanheiro ou de um carvalho para fazer um escano, consertar uma porta, procurar um tronco bem feito de vidoeiro para o eixo de um carro, para uns tamanhos, ou um pião para a canalha.

Das cortes dos animais ao baldio; da ribeira represada lá no alto, aos lameiros empapados no inverno; da casa ao monte; dos caminhos aos campos, tudo, rigorosamente tudo se compunha ao longo dos trabalhos e dos dias, da soleira das portas à vastidão das encostas, ou à extrema dos matos, do baldio e das águas da outra freguesia. Tudo se concateava por tempos, por gerações, por milímetros de terra, por escadórios de socacos e até nos penedos grandes e achatados como mesas que por aquecerem nas tardes de verão, podiam manter uma vinha onde a altitude e os frios já não consentiam, não fosse o calor distribuído pelas pedras durante a noite, prodígios para uvas quase contadas uma

a uma. Pelo Março reunia-se o gado e a gente e procuravam-se os pastos das brandas mais além; do mesmo granito dos montes se faziam aqui outras casas, cortes para o gado, abrigos mínimos para o fogo, a lareira, o mobiliário resumido, as roupas; telhados de colmo. No mato queimado se semeava o centeio; na terra mais funda, umas batatas. Depois do Stº. António de Mourim, limpavam-se as levadas para que água corresse.

Não sei que mais queria dizer. Perdi-me na lista e ainda a tarefa ia a meio. Eram estas infinitas cadeias entre a gente e as terras, os lugares, os bichos, os céus, as pedras. Tantas ligações, tão fortes, tão meticulosamente repetidas por milhões de gestos e luas, e sementeiras, e centeios a crescer, que já não sabia onde partir a narrativa e voltar a começar.

Este era o tempo longo. E agora? Agora somos de outro tempo. A emigração foi desconjuntando a máquina da produção da escassez e da vida dura. Por séculos, vidas de privações e trabalho bruto cederam para sonhos de melhor viver. Já não era sem tempo. Que se cale agora o bardo, a flauta das églogas do pastor da arcádia, a escrita adocicada pelo murmúrio das corgas, pelo fresco das matas, a fartura das terras, o cantar dos camponeses. Agora perde-se a água das levadas pelos caminhos; águas que se vão sumindo pelos buracos do saneamento e da drenagem pluvial; que se perdem em campos a monte ou erva malnascida para uns poucos animais que há. Acabou. Está entendido? Pode-se orientar a bússola da nostalgia para outro tema, talvez os anjinhos, as crianças breves que morriam depois de um baptismo à pressa, uma gripe inesperada, um febrão, uma vacina que não havia, talvez frio, quem sabe mau-olhado ou inveja; Deus as levou para si, vinde a mim os pequeninos, dizia-se. Que tema lindo para amaciar a dureza destas pedras, para temperar a retórica sobre os corpos dóceis dos camponeses, bestas de trabalho, sábios do ofício de ajardinar a paisagem, serem seus figurantes e, penosamente, sobreviverem.

Por causa da paisagem sonora, do tal sino que tocou a finados ausentes, fiquei então a saber que ninguém daquelas casas vive do que estes campos dão e que, ao contrário, se gasta dinheiro para impedir que o mato invada campos e lameiros; por ser ainda primavera, os socalcos reverdecem de pasto que muito sobra para a meia dúzia de ovelhas ou vacas que há. Os jardineiros da paisagem são estetas; usam tractores, cuidam o suficiente estas terras para que o abandono, os muros deruídos, ou a terra arrastada por enxurradas não vá estragar os sonhos

de quem agora aqui está, de quem pensou voltar, ter uma casa nova, conforto e passar uma reforma descansada. A maioria destas casas está quase sempre vazia.

Já não são camponeses nem agricultores os que aqui estão, porque nem é o rendimento da agricultura que os sustenta (estariam roídos de fome e de mau viver), nem são os seus pensamentos, práticas, crenças e visões do mundo aquelas que se pensa, imaginando-os ao lume a rezar ladainhas e a afumar chouriças, a recordar encontros com as almas penadas nos cruzamentos, histórias de invernos infinitos e ameaças de lobos.

Embora o regime ditatorial de Salazar tenha tornado ilegal a emigração, a partir dos anos 1950' a saída da população atingiu ritmos crescentes. Através de laços de família e de vizinhança, a cadeia migratória facilitou o começo de uma nova vida de emigrante em França ou na Suíça, os primeiros contratos de trabalho, ou o alojamento, ainda que precário. Uns voltavam depois de ciclos curtos de permanência, repetindo várias vezes o processo; outros permaneceram por mais tempo e as mulheres – que no início ficavam na terra – acompanharam cada vez mais os seus companheiros. Rapidamente, a maior parte dos que partiam optariam por uma permanência longa, fazendo planos para regressar aquando da reforma e, entretanto, construindo uma nova casa, sinal da nova condição social e da ruptura com o mundo camponês pré-moderno.

A presença das casas novas é o sinal mais expressivo dessa ruptura, desde as casas em granito completamente novas ou incorporando parte das antigas localizadas ainda dentro do velho aglomerado, às completamente novas, apresentando linguagens arquitectónicas, materiais e formas de construção sem continuidade com o vernacular, espalhadas ao longo de estradas e caminhos infraestruturados e regularizados.

É esta mistura, a coexistência e a simultaneidade das marcas de tempos e culturas diferentes que alimentou o discurso da “descaracterização”, da estigmatização da “casa de emigrante”<sup>2</sup>, do “despovoamento do interior”, do “abandono”, etc. Ao mesmo tempo, assiste-se também a uma tensão cultural em torno da figura do emigrante, sobre o seu estatuto social antes e depois da emigração: os “novos-ricos”, estrangeirados tantas vezes desfasados nas terras de origem e de destino; desestabilizadores da velha ordem social; móveis, portadores de novos

<sup>2</sup> veja-se a obra fundamental de Villanova, R.; Leite, C. Raposo, I., *Maisons de Rêve au Portugal*, Ed. Creaphis, Paris, 1994



símbolos, valores e estilos de vida; heróis ou vítimas.<sup>3</sup>

Hoje a questão da emigração já não se ajusta a esses discursos simplistas. Passaram já várias gerações e se é verdade que a materialidade do território guarda imensos registos do passado rural camponês, os campos, as fontes, os caminhos, os muros, certos ambientes ainda presentes em alguma banda, a verdade é que quase tudo mudou. Depois de longos períodos de emigração, quem cá vive mais regularmente é uma população envelhecida que amealhou rendimentos bastantes para viver. Uma minoria mais jovem trabalha em ofícios variados na vila ou aldeias, próximo. A pouca agricultura que existe é uma mínima expressão daquilo que durante muitos séculos foi a base económica da subsistência nestas terras. A mecanização facilita o trabalho penoso de outrora e permite alguma manutenção dos campos de socorros cujo valor se mede mais por memórias, vínculos e afectos, do que pelo rendimento que deles (não) se tira.

Por isso, aquilo que nos é dado a ver por estas bandas constitui apenas uma parte da realidade. O relato não se resume a ciclos de emigração e retorno ou a uma evolução linear da pré-modernidade camponesa, das velhas tradições e modos de vida, para a modernidade (seja lá o que isso for). Cada pessoa que abordamos pode-nos contar um sem fim de histórias de vida, de sucessos e derrotas de parentes próximos e afastados cujos percursos convergem ou divergem a partir de Parada do Monte ou, mais frequentemente, aí se cruzam: histórias que desembocam numa cartografia variada de alguém que saiu daqui no final dos anos de 1950' cujos filhos, entretanto radicados nos países de destino da emigração dos pais, seguiram percursos diferentes, organizando vida de outro modo, misturando-se com outras gentes de outras terras. Outros regressaram, mas compraram terras e construíram casas noutras paragens, dentro ou fora de Melgaço.

A inércia com que outrora se associava determinada gente a determinada terra, foi dando lugar a uma espécie de condição flutuante. Permanecem as coisas fixas, resistem muitas casas velhas e novas habitualmente vazias, permanecem firmes as marcas de uma longevidade remota

<sup>3</sup> GONÇALVES, Albertino, "O Presente Ausente: O Emigrante na Sociedade de Origem", Cadernos do Noroeste, vol. I, nº 1, 1987, pp. 7-30; "O Presente Ausente II: Vias e desvios na inteligência da emigração e da sociedade portuguesas", Cadernos do Noroeste, vol. II, nº 2, 1989, pp. 125-153.

Gonçalves, A., *A Definição Social dos Emigrantes no Noroeste de Portugal - Imagens e Clivagens*, Universidade do Minho, 1994

que se misturam com coisas de hoje.

Onde antes pastava a vezeira ou crescia a urze branca de cuja raiz se fazia o carvão, estão agora os geradores eólicos, componentes técnicas de um sistema complexo de produção de energia que circula numa rede que é europeia e que associa as turbinas hidráulicas, às centrais térmicas ou atómicas algures em Espanha ou França, ou algures.

Nada como ensaiar a cartografia variável (do local, regional, ao nacional ou global) destas redes e sistemas sociotécnicos como os da energia, as telecomunicações, as estradas, para perceber também o descentramento das populações e a dupla condição local/global agora difícil de destringir, seja nos modos de falar, de pensar ou sentir. Outrora, a geografia de terras como Parada do Monte circunscrevia-se numa escala local a partir da qual se organizavam outras geografias e relações. Dominava a autarquia, a vida em comum, a partilha de terras, águas, regras e códigos de conduta, um ciclo quase fechado entre o que se produzia e o que se consumia e que limitava as trocas ao pouco dinheiro que havia ou à dificuldade em realizar essa circulação – por caminhos impossíveis, descia-se à ribeira a vender carvão ou manteiga, comprar vinho ou feno; ia-se à vila ao médico ou aos serviços públicos, fazia-se uma compra especial, ia-se à feira. Porém, quase tudo o que fazia falta no quotidiano era aqui que se providenciava. A escala local tinha, portanto, uma definição bastante clara em matéria de sociedade e território. Era aí que se confinava o quotidiano.

A esta visão "localista" em que as diferentes escalas geográficas se encaixavam hierarquicamente, da freguesia, ao concelho, ao país ou ao mundo, contrapõe-se agora um panorama distinto: tudo pode ser local e global ao mesmo tempo; nada se confina num estatuto exclusivamente local ou não local.

Se antes nos podíamos cruzar nos caminhos com gente que ia e vinha dos campos ou do baldio, do tanque, da fonte, do cemitério, da igreja..., e a grande maioria dos relatos dos trabalhos e dos dias cabiam nos lugares que esses caminhos ligavam, hoje, conhecer um lugar implica perceber quantos mundos se cruzam nesse lugar, quantas coisas permanecem ou são apenas instantes fugazes de uma mudança.

Quem pode decidir uma narrativa quando o próprio território nos consome?, disse-me o fotógrafo João Gigante quando lhe perguntei o que o movia nas suas andanças de fotógrafo por Parada do Monte. Transcrevo Michel Foucault a propósito da importância da leitura do espaço (e não

do tempo): “estamos na época da simultaneidade, na época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso. Acredito que vivemos um momento em que o mundo não se parece tanto como uma grande vida que se desenvolve ao longo do tempo, mas sim uma rede que conecta pontos e que vai entrelaçando a sua meada”. São heterotopias, vários espaços num só lugar.<sup>4</sup>

Por isso o território nos consome; pelos muitos tempos que aí colidem, por se ter perdido o fio à meada e as coisas seguirem o seu curso relativamente simples, embora por muitas e, não raro, desconhecidas ou contraditórias razões.

<sup>4</sup> Michel FOUCAULT, Dits et écrits 1984 , *Des espaces autres (conférence au Cercle d'études architecturales, 14 mars 1967)*, in *Architecture, Mouvement, Continuité*, n°5, octobre 1984, pp. 46-49.  
<http://desteceres.com/heterotopias.pdf>



# A CUMPLICIDADE DOS OBJETOS

ALBERTINO GONÇALVES

“Talvez nessa altura o riso se tenha aliado à sageza, talvez haja então aí uma “gaia ciência””

(Friedrich Nietzsche, A Gaia Ciência, 1882).

Corriam os anos oitenta, um ancião de Parada do Monte, emigrante em França antes da II Grande Guerra, construiu, por essa altura, a casa na aldeia. Assinala um pormenor: uma padieira descomunal, cujo transporte exigiu várias juntas de gado e vários carros de bois. A padieira de granito funciona como um marcador, uma espécie de monumento pessoal. Uma página do livro da vida que se revisita vezes sem conta.

Os objetos falam! Alguns, prolixos, não se cansam de falar. Por exemplo, o sino e o televisor. Outros falam calados. Como nas fotografias de João Gigante. Pendurado num portão de rede multiusos, o guarda-chuva confidencia que o dono anda por perto. O coro de guarda-chuvas à porta da igreja parece extraído de um filme de Jacques Tati. Polifónico, canta a várias vozes: 1) qualquer estrutura, seja qual for o pouso, o objetivo ou a missão, pode prestar-se a bengaleiro; 2) na esfera do sagrado, os guarda-chuvas não são sujeitos nem objetos de culto, não têm lugar na celebração; 3) os guarda-chuvas dispõem-se como as pessoas, juntos, nas alturas ou à margem; 4) enfim, se o cálculo não engana, a afluência à igreja ultrapassa a dúzia de pessoas.

O guarda-chuvas é um objeto menor, profano, que nos protege da água que pinga dos céus. Sagradas são as imagens dos santos. Intercedem por nós junto da corte celestial. Falam connosco, mas também falam com o divino. No Alto Mouro, uma mulher admite conversar com a imagem da Nossa Senhora da Peneda, que, aliás, se digna responder-lhe. Não admira, atendendo aos resultados de um estudo recente (2017) do Pew Research Center: 28% dos portugueses reconhecem que Deus “comunica com eles todos os dias” (<http://www.pewforum.org/2018/05/29/beliefs-about-god/>).

As alminhas do purgatório, com vela estilizada e aconchego de um bordado, remetem para o Juízo Final, o fim dos tempos. Não coíbem, porém, de convocar outros objetos próprios de assombrações macabras: as campainhas, os ossos, o cheiro a vela, as correntes de ar e os passos típicos dos acompanhamentos. Consta que estes fenómenos do além caíram em desuso. Entrevistada num documentário galego (Em Companhia da Morte. filmado por Vanessa Vila Verde, João Aveledo e Eduardo Maragoto. Filmes de Bonaval. Galiza, 2011), uma mulher castreja interpreta a mudança:

“Antigamente não havia televisão, antigamente não havia um rádio, não havia nada. As pessoas, para passar o tempo, ou iam a uma janela, ou iam ao caminho ou iam para a casa de um vizinho passar o tempo, passar a noite, porque as noites eram grandes no inverno, e era quando se sentia muito essas coisas. Agora, tu sentas-te na cozinha, tens a televisão, a televisão a falar, tu não sentes nada, nem ouves o que está fora. Não é verdade? Não é como antes”.

Na verdade, os fantasmas foram deslocados: migraram dos caminhos fundos e das encruzilhadas para os ecrãs e para as festas públicas.

Atender à linguagem dos objetos apresenta-se simples; sondar a interacção com os seres humanos assevera-se mais complicado. Envolve a mente e o corpo. Havendo oportunidade e vontade, todos os objetos interagem com as pessoas: uma enxada, uma escada, um carrinho de mão, uma vassoura, um computador, um órgão, um trator... A ferramenta e o homem moldam-se e afeiçoam-se reciprocamente. Dançam em conjunto. Volvido algum tempo de utilização, não há duas ferramentas iguais, nem duas maneiras semelhantes de as usar. Não há duas enxadas iguais, nem duas maneiras idênticas de conduzir um trator. O casal e o trator das fotografias encarnam uma conjugação feliz, que bem podia figurar como um símbolo positivo da velhice. Há sábios que sustentam ser possível esboçar um retrato fidedigno de uma comunidade a partir dos seus objetos. A relação que o homem estabelece com os objetos, caracteriza-o. Atire a primeira pedra quem nunca hesitou antes de emprestar um objeto favorito? Entre os “objetos de estimação”, destacam-se as fotografias. O homem que mostra os dois retratos parece despojar a alma. Mais pungentes só as fotografias rasgadas da emigração: “cheguei bem! Estou em boas mãos. Pague-se ao passador”. Os retratos, rasgados ou não, prestam-se à peregrinação de sentimentos.

As mãos são inevitáveis na interação com os objetos. “A mão parece não ser apenas uma ferramenta única, mas uma ferramenta de ferramentas” (Aristóteles, Da Alma). Não é por acaso que as fotografias de João Gigante se atardam nos objetos e nas mãos. A maioria dos objetos são extensões do corpo, principalmente das mãos: mãos que jogam às cartas, que seguram pautas, martelam teclas, tocam concertina, prendem cavalos, encaminham a água, enterram a enxada, semeiam e colhem batatas, amassam o pão e cortam a madeira. Mãos que arrumam, asseiam e cozinham. O ser humano tanto aprecia as ferramentas que as dispõem numa espécie de retábulo, ora de estilo ora clássico, ora de estilo barroco.

“O coração tem suas razões, que a razão não conhece: sabe-se isso em mil coisas” (Blaise Pascal, Pensamentos, 1670).

“Mãos cuidando de uma marmita”, assim se poderia intitular a fotografia. Não há nada a acrescentar-lhe. A fotografia quer-se despida de exotismos e insignificâncias. Auguste Rodin esculpiu dezenas de mãos. Nenhumas como estas. A comunidade e a comunhão na ponta dos dedos. Repartir o pão entre nós; quem pode a quem precisa. O apoio domiciliário percorre o território com as mãos, a marmita, a refeição, o cuidado, o reconforto e a solidariedade. A escolher uma fotografia da exposição do João Gigante, inclinar-me-ia para esta. Não por ser a “melhor”, mas a mais simbólica.

Os pensamentos encadeiam-se uns nos outros. No início do milénio, por altura da elaboração do Diagnóstico Social e do Plano de Desenvolvimento Social do concelho de Melgaço, a rede social nas freguesias do Alto Mouro aproximava-se da inexistência. Ninguém se dispunha a responsabilizar-se pela sua implementação. Foi o Centro Paroquial e Social de Parada do Monte quem deu o primeiro passo.

Organizavam-se nos anos setenta, para os lados de Cousso, uns bailaricos para adolescentes. A seguir a Pomares, vislumbrava-se, do outro lado do vale, uma paisagem magnífica. Entre a aldeia de Parada do Monte e o rio, desciam a encosta, valado a valado, os campos de cultivo. Em tempo de lavoura, a paisagem vestia-se com um novo semblante: cobria-se com montículos de adubo biológico meticulosamente espalhados. A encosta pintalgava-se para se fertilizar. O quadro, visto de longe, assemelha-se aos desenhos gigantescos Nazca, no Perú, apenas enxergáveis das alturas das aeronaves e dos satélites.

Assim como as fogueiras de São João incendeiam os céus para dar mais dia à noite, o húmus da encosta de Parada fertiliza a terra para dar mais vida aos céus. Descobrem-se pelo mundo paisagens extraordinárias, mas nenhuma apaga da memória a encosta de Parada do Monte em vésperas de sementeira.

Os objetos, pequenos e grandes, falam. A paisagem, também fala. A adubação da encosta de Parada do Monte expressa a obra de pessoas de trabalho que acarinham a terra. Nenhuma parcela, nenhum recanto, por cultivar. Numa época em que “deixar a terra de monte” se tornava corrente, Parada, rural e agrícola, afirmava-se como um exemplo de resistência. Estrumadas uma a uma, quase ao mesmo tempo, a “decoaração” das parcelas tende a seguir um padrão único, da autoria de toda a comunidade, que pressupunha sintonia e sincronia. Gente unida, gente de trabalho. A câmara do João Gigante não veio a fotografar esta paisagem natural extremamente humana; e, naquele tempo, o Álvaro Domingues ainda não tinha começado A volta a Portugal (Edições Contraponto, 2017). Entrevê-se uma amostra na fotografia. “Sem provas”, duvida-se entre o que se agarra à realidade e o que escapa para a imaginação. A sintonia e a sincronia na organização da atividade agrícola não são de estranhar. No passado, havia grupos de “amaiantes” (as lavouras concentravam-se em Maio). Juntavam-se proprietários, camponeses, caseiros, jornaleiros, ajudantes familiares... Fixava-se o calendário (onde e quando lavrar) e a logística (trabalhadores, juntas de gado, arado, grades). A lavoura era, deste modo, devidamente principiada e acabada em conjunto.

Para terminar, um pequeno apontamento sobre a ponte de Parada do Monte, que espreita por entre a verdura nas fotografias de João Gigante. Em criança, todos os anos, no mês de Agosto, íamos à Festa de S. Mamede em Parada do Monte, a convite de um amigo dono de um comércio. Conheci Parada do Monte sem e com ponte nova. No ano da inauguração, o tabuleiro sobressaía como um autêntico lugar de romaria. Há objetos que, contanto não falem, criam mundos. Antes da ponte, o transporte de mercadorias e pessoas, mormente doentes, era um degredo. Com a cumplicidade dos objetos, pode-se revolucionar a qualidade de vida. O antes e o após ponte contrastam. À paragem do monte, acrescentou-se a passagem na ponte. Há objetos que aparentam pouca nobreza e nenhuma pose, mas têm impacto e história. Alguns são bem capazes de fazer milagres.

TÍTULO

**PEDRA E PELE**

AUTOR

**JOÃO GIGANTE**

DESIGN

**JOÃO GIGANTE**

GRÁFICA

**PLANOZEN**

TIRAGEM

**300 EXEMPLARES**

DATA DE IMPRESSÃO

**15 / 07 / 2018**

EDIÇÃO

**UNIÃO DE FREGUESIAS DE PARADA DO MONTE E CUBALHÃO**

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO

**FILMES DO HOMEM\_FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO DE MELGAÇO**

DEPÓSITO LEGAL

**443338/18**

ISBN

**978-989-99850-6-3**

AGRADECIMENTOS

**ALBERTINO GONÇALVES**

**ÁLVARO DOMINGUES**



